

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PRODUÇÃO CULTURAL

LÍVIA DA COSTA PINAUD

CULTURA E IDENTIDADE:
O papel do intercâmbio internacional no processo de percepção do outro e de si mesmo

NITERÓI
2011

LÍVIA DA COSTA PINAUD

Cultura e Identidade:

O papel do intercâmbio internacional no processo de percepção do outro e de si mesmo

Monografia apresentada ao Curso de
Produção Cultural da Universidade
Federal Fluminense, como requisito
parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Produção Cultural.

Orientador: Prof. Dr. José Maurício Saldanha Alvarez

Niterói
2011

Aos meus pais, Denise e Luiz pelo apoio, à
minha irmã, Beatriz, e meu amigo, Leonardo
pela ajuda e paciência.

RESUMO:

Este trabalho trata do convênio de intercâmbio internacional do ponto de vista da Produção Cultural. Assim sendo, buscou-se uma reflexão acerca de temas importantes como a cultura e a identidade. Começando pelas definições básicas de cultura, a pesquisa passa pela modernização e pela discussão do papel da universidade na produção e consolidação da mesma. No que se refere à identidade, foram trabalhados temas como Identidade Cultural, estereótipo e preconceito. Após essa reflexão, foi feito um estudo de caso sobre o meu próprio período de intercâmbio realizado no ano de 2010 através da Universidade Federal Fluminense. O estudo de caso consta de uma breve comparação entre a Suécia e o Brasil, um mapeamento dos convênios de intercâmbio internacional da Diretoria de relações Internacionais da universidade e finaliza o trabalho com considerações pessoais sobre o convênio.

ABSTRACT

This paper deals with the international exchange programs from the point of view of Cultural Production. Therefore, we sought a reflection on important issues such as culture and identity. Starting with basic definitions of culture, the research involves the modernization and the debate about the role of the university in the production and consolidation of the same. Regarding identity issues, such as Cultural Identity, stereotype and prejudice, were addressed. After this reflection, a case study was made based on my own exchange period conducted in 2010 through the Universidade Federal Fluminense. The case study consists of a brief comparison between Sweden and Brazil, a mapping of international exchange agreements of the International Relations Department of the university and the paper ends with personal considerations about the program.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
1. CULTURA.....	4
1.1 DEFINIÇÕES DE CULTURA.....	4
1.2 MODERNIZAÇÃO E CULTURA.....	7
2 IDENTIDADE.....	11
2.1 IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE SEGUNDO MANUEL CASTELLS..	11
2.2 IDENTIDADE CULTURAL.....	12
2.3 IDENTIDADE E ESTEREÓTIPO.....	14
3 SUÉCIA X BRASIL.....	19
3.1 SUÉCIA RESUMIDA.....	19
3.2 EM COMPARAÇÃO COM O BRASIL.....	20
4 O CONVÊNIO E SUAS PRÁTICAS.....	23
4.1 MAPEAMENTO DO CONVÊNIO DE INTERCÂMBIO INTERNACIONAL DA UFF.....	24
4.2 CONSIDERAÇÕES PESSOAIS SOBRE O CONVÊNIO.....	26
CONCLUSÃO.....	31
BIBLIOGRAFIA.....	33

INTRODUÇÃO:

O que é exatamente um convênio de intercâmbio? É apenas uma viagem que se realiza ao exterior? São apenas disciplinas em uma universidade estrangeira e em uma língua estrangeira nas quais um estudante estrangeiro mergulha? E quando esse período acaba e regressamos ao Brasil, nossa identidade e cultura permanecem inertes? Quando voltamos para casa, continuamos a ser o que éramos como se nada tivesse passado? Como se não tivéssemos entrado em contato com pessoas vindas das mais diferentes culturas, com sistemas éticos e pedagógicos diversos? Quando pensamos no período de intercâmbio que realizamos, várias palavras surgem em nossa cabeça. Elas traduzem sentimentos que esperamos conseguir levar vida afora. Quando começamos a planejar nossa viagem, temos uma vaga ideia das situações que podemos enfrentar, mas não temos a menor noção da intensidade e muito menos das transformações que elas podem promover.

Quando deixei o Brasil para o intercâmbio na Suécia, eu era uma pessoa com identidade formada e aparentemente sólida e voltei, seis meses depois, outra completamente diferente. A nossa identidade se altera com as novas experiências ou a mudança é apenas passageira? Nossa capacidade de agir como ser social se modificou? O intercâmbio, seja ele universitário ou de qualquer outra natureza ou instituição, pode ser considerado um “produto cultural”, “como resultado de uma área ampla de um sistema” de “produções culturais associadas e desiguais numa escala transnacional e para nacional” (Raymond Willian, *Cultura*, 2011, p.229) ou deve ser analisado de forma mais ampla, fruto de um processo mais dinâmico, multifacetado e repleto de ações de atores intermediários, na forma de uma ação cultural? Ao analisar esse tipo de convênio, que combina questões políticas e educacionais com as questões culturais, surgem muitas perguntas e para que elas sejam respondidas, outras análises a respeito de cultura, identidade e o papel da Universidade se fazem necessárias.

Serão apresentadas neste trabalho, as definições dos termos relacionados à cultura, tendo

como base o “Dicionário Crítico de Políticas Culturais” de Teixeira Coelho e utilizando, também, as visões de Canclini e Storey, entre outros. O esclarecimento desses termos servirá como base para que possamos chegar a uma concepção de cultura que seja coerente com a discussão da questão da identidade no mundo contemporâneo para, então, promover uma análise sobre o formato e a importância acadêmica e cultural que possui o intercâmbio internacional entre as Universidades ao redor do mundo.

A ideia desse método de análise surgiu à partir da metodologia de ensino da disciplina “Cultural Studies in English” cursada sob a orientação do professor Adnan Mahmutovic no meu período de intercâmbio na Universidade de Estocolmo realizado no segundo semestre de 2010. Esse método consiste em analisar um texto ou uma prática cultural sob a ótica de um conceito teórico já existente e estudado em sala de aula. Nesse caso, faremos um pouco diferente, pois primeiro chegaremos a uma concepção de cultura para depois utilizá-la como lente.

O objetivo principal deste trabalho é refletir sobre o intercâmbio estudantil e trazer a sua prática efetiva ao nível de uma reflexão de natureza cultural, uma vez que por ser a cultura tão dinâmica, um intercâmbio é, com certeza, uma maneira de produzir cultura. Como objetivo secundário temos uma análise com um ponto de vista acerca do andamento do programa, através de um mapeamento, e uma impressão pessoal da estadia. Outro objetivo seria o de vermos o intercâmbio como um artefato cultural.

Para desenvolver este projeto o trabalho foi dividido em quatro capítulos. O primeiro se refere a uma discussão acerca da cultura, começando por suas definições básicas, tiradas principalmente do livro de Teixeira Coelho, e passando pela questão da modernidade com Warnier e o papel da Universidade no processo de transmissão de cultura pelos olhos de Boaventura de Souza Santos. Nele trabalharemos com uma bibliografia ampla o bastante para inserir a questão da disseminação de cultura e o papel da universidade no processo.

No segundo capítulo, discutimos a Identidade. O capítulo é dividido em três blocos que dão conta de vários aspectos da questão, como a Identidade na pós-modernidade segundo Manuel Castells, Identidade Cultural e Identidade e Estereótipos, utilizando produtos culturais existentes como forma de exemplificação.

No capítulo terceiro, trataremos das diferenças sociais e políticas entre Brasil e Suécia. Diferenças estas que promoveram grande diversidade cultural entre os dois países.

No Quarto e último capítulo, como estudo de caso, tomaremos meu próprio intercâmbio na cidade de Estocolmo, Suécia, como objeto para onde convergirão as reflexões realizadas nos capítulos anteriores.

O eixo teórico será, em princípio, o trabalho de Pierre Warnier sobre cultura. Conforme

escreveu, “os fatos ligados à globalização da cultura não são todos da mesma natureza” (p.11) e “o desenvolvimento industrial moderno transformou a cultura num ente globalizado. A língua e a cultura estão, portanto, no coração dos debates sobre identidade.” Além da cultura como situação mundializada com Renato Ortiz, abordaremos também Nestor Garcia Canclini e sua obra *A Globalização Imaginada*.

Este trabalho parece ter um caráter inédito o que trouxe algumas dificuldades e nos obrigou a mergulhar num processo de construção, uma vez que pouca coisa existe escrita sobre o assunto. Como se trata ainda de um trabalho experimental foi empregado um pouco de observação participante, onde somos parte integrante de nosso objeto. Por ser, portanto, trabalho inédito, procurou-se obras que dessem conta da experiência pedagógica enquanto eixo da Cultura e ainda foram incluídas obras como *Erasmus, La mobílie crime des oportunités. Histoire des réussites européennes*, e *Globalização e educação: demonstrando a existência de uma “cultura educacional mundial comum”*; e ainda uma *Agenda globalmente estruturada para a educação*, de Roger Dale. Foram lidas igualmente, de Moacy Gadotti, “*Perspectivas atuais da Educação.*” e ainda, “*O processo de Bolonha da Europa torna-se global: modelo, mercado, mobilidade, força intelectual ou estratégia para construção do Estado?*” De Susan L. Robertson.

1. CULTURA

A sociedade e os seres humanos têm uma necessidade intrínseca de definir e categorizar grupos, ideias e situações. Daí surge todo o pensamento científico e, assim sendo, o mesmo não poderia deixar de acontecer com o conceito de Cultura. Muito se tem escrito sobre ela. Para nós, desde que os seres humanos começaram a viver em grupos, a cultura tem sido analisada e usada pelos homens, consciente ou inconscientemente, como instrumento de subjugação. No entanto outros autores percorrem esse conceito evidenciando seu caráter polissêmico. Segundo o “Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa” (volume II, Bloch Editores), cultura significa o “amor ao saber, esforço contínuo para desenvolver a educação científica, artística ou literária. Apuro, esmero, elegância. O sistema de atitudes, instituições e valores de uma sociedade”.

1.1 DEFINIÇÕES DE CULTURA

No curso de Produção Cultural, há uma discussão constante e intensa que tenta estipular uma definição adequada para a palavra cultura e tudo o que ela representa. Porém, a conclusão que sempre chegamos é que não tem como estabelecer uma definição única de cultura e o que conseguimos encontrar são vários significados diferentes que dependem do contexto em que surgem e da bagagem cultural de quem os está discutindo. Segundo o *Dicionário Crítico de Políticas Culturais* de Teixeira Coelho, existem teóricos, como Raymond Williams, que definem 'Cultura' como processo geral de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético, como referência a obras e práticas artísticas e intelectuais e, até mesmo, como o conjunto de práticas e costumes que caracteriza uma comunidade. Diante da globalização, J. P. Warnier, ao debater esse conceito igualmente complexo, considera que é difícil avaliar o peso das culturas no mundo. A globalização da cultura é no dizer dele “uma das consequências do desenvolvimento industrial” (2000, p.13).

Para ele, a cultura pode ser considerada qualquer hábito aprendido pelo indivíduo que possa agir como bússola, direcionando o seu comportamento dentro de uma sociedade.

Hoje em dia há certa rejeição à definição de cultura como “processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético”, pois ela denota certa superioridade de uma sociedade sobre outras, que não têm acesso às obras e práticas culturais consideradas como o “caminho” que leva a esse estado desenvolvido, além de poder ser considerada um “marcador de classes”. Para Williams, esse é o estado ideal e a cultura é o processo da perfeição humana. Essa definição pode ser considerada pejorativa, pois um pensamento único de cultura é estabelecido como sendo a “verdade” e imposto de forma universal para países que, na maioria das vezes, não compartilham dos mesmos valores e crenças. Nesse caso, as culturas consideradas desenvolvidas, acabam se sentindo no direito de decidir pelos outros o que é bom e o que é ruim.

O crítico cultural inglês Matthew Arnold (1822-1888) possuía uma visão semelhante de cultura. Para ele, o termo pode ser explicado de quatro formas e todas elas representam um corpo de conhecimento ou, como ele mesmo disse, “o melhor do que foi pensado e dito no mundo”. Em primeiro lugar, para Arnold, cultura representa a habilidade de reconhecer o que é o melhor. O que nos leva para a segunda definição: “o melhor”. A terceira implica na aplicação mental e espiritual do que foi definido anteriormente para, finalmente, chegarmos à busca por esse melhor.

Porém, ainda segundo Teixeira Coelho, essa mesma ideia rejeitada é usada como justificativa para a existência e aplicação de certas políticas culturais. Existe uma diferença no modo de ver a cultura no Brasil e em outros países considerados mais desenvolvidos, como os da Europa. Em lugares em que os índices de analfabetismo são praticamente zero e a população não precisa se preocupar tanto com a violência nas ruas, é mais comum de se ver a apreciação do que chamamos de “Arte pela Arte”. É possível ver pelas ruas das cidades europeias, artistas e performistas de todos os tipos, inclusive jovens artistas, que buscam este tipo de apresentação apenas por que desejam mostrar seus trabalhos. As obras e práticas artísticas têm um fim em si mesmas e não são obrigadas a carregar em seus ombros o peso da responsabilidade social.

Já em países como o nosso, em que vemos diariamente as consequências da distribuição desigual de renda e do sistema educacional decadente refletidos na violência e na pobreza da maior parte da nossa população, o pensamento dominante é que não faz muito sentido ter uma política pública que gaste dinheiro com arte (ou até mesmo com outros setores, como o esporte) quando temos problemas mais urgentes para serem resolvidos, como violência, fome e educação. Para os brasileiros, de modo geral, as políticas culturais passam a ser mais “bem vistas” quando possuem caráter funcional, como a utilização da música para manter as crianças longe das drogas ou o incentivo ao artesanato como forma de complementação da renda de famílias pobres.

Esse pensamento se reflete no processo de criação das políticas públicas brasileiras. Como exemplo, podemos citar algumas políticas culturais existentes no Ministério e nas Secretarias de Cultura. Em âmbito nacional temos o “Prêmio Arte e Cultura Inclusiva 2011”, que tem como objetivo contemplar iniciativas que promovam acessibilidade para os deficientes físicos e inclusão dos grupos minoritários na sociedade e o “Edital Mais Cultura de Apoio a Microprojetos Para os Territórios de Paz”, que visa a difusão cultural em bairros estabelecidos como Território de Paz pelo “Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania”, considerados vulneráveis socialmente. Como exemplo local, pode ser citada a Fundação Cultural de João Pessoa, que tem como missão “Fomentar e democratizar a participação e o acesso à cultura na sua diversidade, propiciando a formação cidadã através da inclusão social e do desenvolvimento do potencial criativo”.

Para alguns teóricos, como F.R. Leavis, cultura sempre foi propriedade de poucos e no Brasil não é diferente. Arte e cultura não são vistas como um direito, algo a ser compartilhado pela população. São consideradas artigos de luxo consumidos apenas pela classe dominante ou como pontos de uma etapa a serem desenvolvidos para se chegar a um bem maior, como a diminuição da violência, como vimos nos exemplos acima.

A segunda definição de Williams, tirada do livro “Cultural Theory and Popular Culture” de John Storey, que trata cultura como obras artísticas e intelectuais se refere a obras que promovem a 'produção de significado'. Por se tratar de um conjunto de obras e práticas de uma determinada época, ele pode ser usado como fonte de estudos com um caráter mais histórico e entendido como sendo um documento. Um exemplo é o estudo de partituras musicais para análise da velocidade do cotidiano das pessoas ao longo da História. Conforme a vida se tornava mais acelerada, a duração das notas e pausas nas partituras iam diminuindo, aumentando o seu ritmo.

Essa definição pode interagir muito bem com a primeira, quando consideramos práticas como poesia, balé, ópera e outras modalidades da arte erudita que fazem com que uma pessoa ou grupo seja considerado culto e com a terceira, se considerarmos novelas, revistas, histórias em quadrinhos e outros elementos da cultura popular.

Ainda segundo o livro de Storey, para Williams a definição “social” de cultura gerou mais três visões sobre o tema. Ela parece se ter mostrado fundamental na criação do 'Culturalismo'. O primeiro modo, de caráter antropológico, analisa a cultura como “modo particular de vida”, para o segundo, a cultura produz e expressa certos valores e significados, enquanto o terceiro, implica no esclarecimento desses valores e significados no modo de vida já citado.

O termo 'Cultura' é geralmente visto como um conjunto de práticas que caracteriza uma comunidade quando tentamos diferenciar um grupo de outro. Essa diferenciação pode se dar em aspecto local, de forma mais específica como quando, dentro da cidade do Rio de Janeiro, falamos

das diferenças entre os moradores da Zona Sul e da Zona Norte, ou de forma mais abrangente, como quando tratamos das diferentes regiões de um país ou, principalmente, de países e continentes distintos.

Esta questão reflete um dos grandes debates na atualidade no contexto da globalização, no que Castells irá denominar de oposição local X global. Sabemos que cada local possui um modo de vida e pensamento específicos e, assim sendo, as maneiras de expressá-los para o mundo são igualmente peculiares. Se somos brasileiros e queremos saber quem são os argentinos, por exemplo, nós iremos buscar nas diferenças uma definição. Nesse caso, os termos “Cultura” e “Cultura Popular” podem se misturar um pouco, pois iremos analisar tanto de um quanto de outro, as suas características predominantes, que envolvem os hábitos alimentares e de comportamento, como se relacionam com a terra e com clima, estrutura familiar, quais são o esporte e estilo musical mais populares. Enfim, os modos e práticas de interação social que produzem algum significado relevante para os grupos envolvidos.

Em minha opinião, o que vai determinar qual definição é a mais “correta” é o objeto ou prática que estiver sendo analisada. Se o que estiver em pauta for um modo artístico, como o cinema francês ou a ópera italiana, julgo que a primeira definição de Williams seja mais apropriada. Porém, se estivermos discutindo a cultura carioca, sueca ou asiática, a terceira me parece ser mais adequada.

Além dos vários significados encontrados para essa mesma palavra, existem termos como, “Multiculturalismo”, “Cultura de Fronteira” e “Pluralismo Cultural”, entre outros, que foram criados para definir modos específicos de variação e/ou interação de grupos ou sociedades que possuem identidades diferentes.

1.2 MODERNIZAÇÃO E CULTURA

Alain Touraine define a modernidade não como mudança pura e simples. Ele a vê como um processo, ou seja, é “uma sucessão de acontecimentos; ela é difusão de produtos de atividade racional, científica, tecnológica, administrativa” (1994, p.21). Segundo muitos estudiosos de um passado recente, acreditava-se que a Modernização levaria fatalmente a um processo de convergência cultural, ou seja, que um modelo único e universal de cultura substituiria as demais, localizadas e particulares (Warnier, 2000, p.34). Havia uma visão particularmente pessimista, tanto por parte dos teóricos como por parte dos países do Terceiro Mundo, de que estávamos diante de uma “americanização” iminente do planeta – língua, música, filmes, comida, hábitos, etc. No

entanto, assinala Warnier, a modernização atual não levou à convergência assinalada. Essa visão pessimista não levou em consideração, aparentemente, o fato de que cada segmento da sociedade mundial se apropria e utiliza o que recebe das culturas dominantes de forma diferente, levando em consideração a sua própria bagagem cultural, diminuindo o risco de uma homogeneização do planeta.

Percebeu-se inclusive a tendência da humanidade em manter “clivagens” sociais, reservas de grupos, distinção cultural, modos de vida e de consumo muito diversos. Ao mesmo tempo em que, com a globalização, absorvemos rapidamente as parcelas das culturas estrangeiras que chegam a nós com tamanha facilidade, a mesma globalização proporciona a criação de mecanismos que protegem e divulgam cada vez mais rápido e para mais pessoas, as práticas regionais. Em suma, ela continua a ser “uma formidável máquina de produzir a diferença cultural a despeito de todos os processos que agem em sentido contrário” (Warnier, 2000, p.35).

Segundo o livro “Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade” de Boaventura de Souza Santos, ao longo da História, as Universidades eram as instituições responsáveis por criar e transmitir cultura para a população. Durante a década de 20, o filósofo alemão Karl Jaspers dizia que “seus membros congregam-se nela com o único objetivo de procurar, incondicionalmente, a verdade e apenas por amor à verdade”. Segundo esse pensamento, as universidades tinham como objetivos, primeiramente, a investigação da verdade, ser um centro de cultura disponível para a educação do homem com um todo e a transmissão dessa verdade na forma de ensino.

Na década seguinte, apesar de discordar da função criadora da cultura das Universidades, o filósofo espanhol José Ortega y Gasset não foi muito longe de Jaspers ao definir quais seriam, em sua opinião, e na daqueles que compartilhavam sua visão, as funções das universidades. Para ele, elas deveriam ter como metas “a transmissão da cultura, o ensino das profissões, a investigação científica e a educação dos novos homens da ciência”. Já na década de 60, houve uma pequena mudança no modo de pensar o papel da universidade e como ela deveria se relacionar com as comunidades, já que possuía conhecimentos importantes que poderiam afetá-las, tanto de forma positiva quanto negativa. Além da investigação e do ensino, a Universidade acrescentou aos seus objetivos, a prestação de serviços.

Com toda essa discussão acerca de qual papel a universidade deve exercer dentro de uma comunidade, o modelo alemão entrou em crise no pós-guerra e os objetivos de ensino e formação cultural passaram a colidir com a formação acadêmica e a especialização profissional, criando dicotomias dentro da própria universidade. Nessa época, a educação estava totalmente dissociada do trabalho e essa dicotomia interna passou a dividir a educação em “Educação para cultura” e

“Educação para o trabalho” e o trabalho em “qualificado” e “não qualificado”.

Neste momento, não resta dúvida de que a universidade deva se envolver com a comunidade em que ela está inserida, porém, uma série de questões é levantada sobre como esse envolvimento deve se dar e o que constitui efetivamente uma comunidade. Ainda segundo o livro de Boaventura de Souza Santos, para alguns, o envolvimento deveria ser local, cuidando de problemas ligados diretamente ao seu entorno. Para outros, deveria ser nacional e havia ainda os que defendiam o comprometimento com os problemas internacionais como, por exemplo, o apartheid.

O autor comenta, também, que o movimento estudantil dos anos sessenta foi uma das grandes intervenções sociais da universidade. A importância que os estudantes tiveram no curso da História ao redor do mundo pode nos fazer pensar se o convênio de intercâmbio internacional universitário pode ser também considerado um modo de intervenção social estudantil promovido pela universidade.

Sem dúvida, o contexto histórico e o modo como foram e são, no caso do convênio, realizados são muito distintos. Porém os objetivos podem ser considerados semelhantes se analisarmos o que esse convênio pode atingir a longo prazo. Sem ter o caráter urgente do movimento estudantil dos anos 60, o intercâmbio é uma forma de juntar as duas preocupações: o local e o mundial. Apesar de não ter uma atuação efetiva nos problemas, ele faz com que os estudantes (futuros médicos, engenheiros, políticos, formadores de opinião, etc) tomem conhecimento em primeira mão e entendam o que acontece no mundo e entrem em contato com problemas e soluções que podem ser úteis para todos.

Além disso, à partir do Relatório Mundial da Unesco de 1997, *Nossa Diversidade Criadora*, pensamos que a cultura, a educação e o desenvolvimento de um país estão interligados, pois “Quando a cultura é entendida como base do desenvolvimento, a própria noção de política cultural deve ser consideravelmente ampliada. Toda política de desenvolvimento deve ser profundamente sensível à cultura, e inspirada por ela”(Cuéllar, 1997,p.305).

Esta questão parece estar ligada ao problema já colocado: identidade. Seria ela mutável após a estadia em um país estrangeiro? Num artigo publicado em 2009, de Susan Roberts, (2009) intitulado *O processo de Bolonha da Europa torna-se global: modelo, mercado, mobilidade, força intelectual ou estratégia para construção do Estado?* a autora explica que em muitos países do mundo a educação é um motor para o desenvolvimento onde surgem nos debates nações importadoras e nações exportadoras de tecnologia e de educação. Ao abordar o projeto Bolonha,¹

¹ Nessa perspectiva, este trabalho examina a interligação progressiva dos espaços da política de educação superior no mundo, focalizando em particular a Europa e seu projeto de globalizar a educação superior, assim como as implicações desse projeto para outras economias nacionais e regionais. O trabalho começa com o Espaço Europeu de Educação Superior, esboçando as principais características do competitivo projeto europeu naquele nível de educação. Apre-

ela mostra a tomada de posição europeia no sentido de criar uma trama de educação como 'finalidades políticas' de se contrabalançar às poderosas influências norte-americanas no continente. Mas não só lá. Ela reflete-se no mundo todo. A cultura europeia e seu papel sedutor não deixa de ter importância no cenário mundial. Assim sendo, a Comissão europeia logo se deu conta e incrementou os contatos com países, entre os quais o Brasil, na busca da consolidação desse vínculo internacional da educação.

A comissão também começou a olhar para fora, para além da região. Estabeleceu programas de colaboração de educação superior com países não-membros da UE por meio de iniciativas como: o programa Alfa, na América Latina; a elaboração do programa Tempus de cooperação com outros países –Balcãs Ocidentais, Europa Oriental, Ásia Central e os países vizinhos do Mediterrâneo; e relações Ásia-Europa por meio de estruturas inter-regionais, como a Asia-Link (Robertson, 2008b). No entanto, nessa altura, esses programas tenderam a ser baseados na cooperação cultural e nos objetivos de intercâmbio, e não foram bem coordenados com o emergente programa de políticas para a educação dentro da Europa” (Robertson, 2009,p. 409).

senta-se como processo multilateral de Bolonha, projetado para criar uma arquitetura unificada de educação superior na Europa; foi remodelado e dirigido pela estratégia Lisboa 2000 da União Europeia (UE) para a competitividade e pelo relançamento da Agenda (também chamada de Estratégia) de Lisboa 2005.

2 IDENTIDADE

2.1 IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE SEGUNDO MANUEL CASTELLS

Uma das obras mais instigantes e abrangentes sobre a questão da identidade foi escrita por Manuel Castells. Longe de esgotar tão vasto assunto, o autor alinha mais questões. O título *O poder da identidade*, segundo volume de uma trilogia de sua autoria, é indicativo desta preocupação. Nesse livro nos damos conta de que uma identidade não nasce por mágica, mas por construção, uma elaboração complexa prolongada e multifacetada. Do ponto de vista coletivo, identidade está conectada à cultura. E a identidade de um povo parece ser o reduto de suas experiências e fonte de significado. Castells deixa claro que a identidade (nomes, idiomas e cultura) passa pelo que se chama de autoconhecimento e pelo reconhecimento de si pelos outros (Castells, 1999, vol. 2, p.,22). A noção de que “Nosso mundo, e nossa vida, vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização e da identidade” não é apenas uma abordagem teórica, mas para nós, produtores culturais, matéria prima do cotidiano para certos projetos (Castells,1999,vol. 2, p.17). A identidade, portanto, quando ligada ao que ele chama de “atores sociais” repousa num

processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo, ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas (Castells,1999, vol2, p.22).

É interessante pensar no convênio como uma fonte multilateral de observação identitária. Exemplifico: para os professores, os estudantes são fontes de identidade alienígena e estranha a eles. Para os estudantes, como uma comunidade, o ambiente sueco e seus integrantes fornecem uma interessante análise da identidade sueca. Por outro lado, temos os estudantes de convenio enquanto indivíduos: professores, ambiente e demais colegas são objetos de análise.

Castells e Hall acreditam que um único indivíduo pode conter identidades múltiplas. Essas identidades podem, para Castells, gerar conflitos tanto no que se refere à visão que o ator tem de si mesmo, sua ‘auto representação’, quanto na forma em que ele age socialmente. Essa visão se aplica também ao que ele chama de “ator coletivo”. Nesse caso, é de suma importância diferenciar a identidade do que os sociólogos chamam de papéis, ou seja, trabalhador, mãe, sindicalista, etc. O livro destaca que a identidade possui maior importância do que os papéis devido aos processos de

autoconstrução e individuação que ela apresenta. Ele diz que as “identidades organizam significados, enquanto papéis, organizam funções” (idem, p.23), sabendo que, aqui, significado comporta uma “identificação simbólica” por parte de um ator social, da finalidade da ação perpetrada por ele.

E como se forma uma identidade? Para Castells, toda identidade é construída e essa construção parte de diversos fatores, como da história e geografia à fantasias pessoais, passando também pela religião e relações de poder. Porém, em se tratando da identidade coletiva, o que é considerado mais importante aqui é o como, por quem e para qual finalidade essa identidade é construída. Estes são os fatores que determinarão o seu conteúdo simbólico. Mas é importante ressaltar que os indivíduos e os grupos sociais processam todos os elementos dessa identidade construída, podendo se identificar com a sua simbologia ou rejeitá-la. Podemos pensar aqui, quais seriam os efeitos desse processo de assimilação na identidade de um estudante de intercâmbio?

Por outro lado o teórico A. Giddens considera que a “modernidade é uma cultura de risco.” E no mundo “moderno tardio”, ou alta modernidade, a mídia desempenha um papel cada vez mais intenso e central. A experiência por ela proporcionada “desde a primeira experiência escrita, tem influenciado tanto a auto identidade quanto a organização de relações sociais. Com o desenvolvimento da comunicação de massa, particularmente a comunicação eletrônica, a interpenetração do auto desenvolvimento e do desenvolvimento dos sistemas sociais, chegando até os sistemas globais se torna cada vez mais pronunciada”(A,Giddens, 2002, p.12). A questão do intercâmbio parece estar ajustada na questão de “reflexão” sugerida por Giddens. Para ele o mundo contemporâneo, da alta modernidade, da globalização ou da pós-modernidade, assume um projeto reflexivo na vida social atual. Assim sendo, quanto mais a “tradição perde seu domínio, e quanto mais a vida diária é reconstituída em termos de jogo dialético entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida a partir de uma diversidade de opções”(idem ,p.13).

2.2 IDENTIDADE CULTURAL

Poucos temas tem sido tão discutidos no âmbito da produção cultural e na teoria social nas últimas décadas quanto a questão da identidade. Ao lado desta afirmação de Stuart Hall (2001, p.7), segundo Teixeira Coelho, o termo “Identidade Cultural” pode ser caracterizado como um “sistema de representação das relações entre os indivíduos e os grupos”. Esse sistema possui o que é chamado de núcleo duro da identidade cultural, que compreende práticas culturais como as tradições orais, a religião e o comportamento coletivo formalizado. Como extensão desse núcleo, o

Dicionário Crítico de Políticas Culturais apresenta os ritos profanos, os comportamentos informais e as manifestações artísticas daquele lugar. Nesse caso, o conceito de identidade parece estar intimamente ligado à noção de Nacionalidade.

Em contraponto à estabilidade do conceito de Identidade, vem surgindo uma nova forma de enxergar esta questão. Vários autores como Canclini, Teixeira Coelho e J. P. Warnier trazem à discussão o termo “Identificação”. Ele carrega em si uma ideia de transformação. A identificação pode acontecer através de elementos variados, muitas vezes contraditórios, dependendo do que está sendo discutido ou analisado.

Em seu livro *A mundialização da cultura*, Jean-Pierre Warnier diz que a língua e a cultura são características que foram consideradas dominantes durante muito tempo na questão da identidade, principalmente por possibilitar que um indivíduo se reconheça dentro de um grupo ou nação. Porém, para ele, e para tantos outros como veremos abaixo, o fato de uma pessoa ter nascido em determinado lugar e pertencer a determinada cultura não define por completo a sua identidade (2002, p.16).

Os suecos levam esta afirmação a um patamar, que eu considero, extremo. Pessoas nascidas e criadas no país não se consideram nativos pelo fato de suas famílias terem origens em outro lugar. É muito comum de se ouvir em Estocolmo jovens suecos responderem, quando perguntados de onde são, “Eu nasci aqui, mas originalmente eu sou de...”, por seus pais terem nascido em outro país. Apesar de nascidos e criados na Suécia, esses jovens não se consideram 100% suecos pois possuem uma identificação com outras línguas e culturas além das que os cercam.

O conceito de identificação de Teixeira Coelho pode ser visto como semelhante ao de reconhecimento de Nestor García Canclini. Em seu livro *A globalização imaginada*, no capítulo “Não sabemos como chamar o outro”, Canclini faz uma comparação do termo 'identidade' com o 'reconhecimento' de Paul Ricoeur. Para ele, quando usamos a palavra identidade, nos concentramos muito mais em nós mesmos e quando a reivindicamos estamos basicamente nos impondo ao outro. O reconhecimento, ao contrário, denota certa reciprocidade no relacionamento do 'eu' com o outro.

Um exemplo em que a identificação se aplica melhor do que a identidade, é o Brasil. Apesar de termos um colonizador principal, de quem herdamos a língua e nossos principais hábitos e costumes conseguimos nos identificar com várias outras culturas devido a intensa presença de imigrantes de todo o mundo em nosso processo de formação. Quando paramos para pensar em religião, não nos identificamos apenas com o Cristianismo europeu, mas também, com as religiões africanas que vieram com os escravos. O nosso esporte favorito, pelo qual somos internacionalmente conhecidos, surgiu na Inglaterra e existem colônias suíças, holandesas, alemães, etc., por todo o território nacional.

O processo de transformação do sistema de identidade para o de identificação é visto tanto de maneira negativa quanto positiva. Por um lado, ele é considerado uma forma de fragilizar a identidade, correndo o risco da homogeneização das culturas com a globalização. Por outro, ele é visto como uma oportunidade de libertar os indivíduos de compromissos que estão fora do seu alcance e permitir uma 'construção continuada' de significações em cada um de nós.

Stuart Hall, em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, utiliza as visões de Anthony Giddens, David Harvey e Ernest Laclau para tratar da questão das identidades nas sociedades pós-modernas. Para deixar claro o seu ponto de vista, ele traz um exemplo prático da política Estadunidense em que o processo de identificação de cada indivíduo se tornou importante para que uma decisão política fosse tomada. Nessa situação, os eleitores americanos tiveram que confrontar questões pessoais e definir que identidade assumiriam - homem/mulher, negro/branco, conservador/liberal, entre outras - para estabelecer se dariam ou não seu apoio ao juiz conservador negro Clarence Thomas, que foi acusado de abuso sexual por uma funcionária negra.

Esse mesmo princípio de identificação pode ser utilizado para esclarecer a relação *identidade/identificação* aqui tratada. Suponhamos que o nosso sujeito, um brasileiro de 30 anos nascido em Natal (Rio Grande do Norte), esteja na Europa e conheça um grupo de pessoas de todas as partes do mundo. Dependendo de com quem ele esteja conversando, ele possuirá identidades diferentes como latino-americano ou brasileiro, se estiver se apresentando a alguém de outro país ou homem, nordestino, potiguar ou natalense, se estiver conhecendo outro brasileiro.

Stuart Hall considera que a identidade, para alguns, estaria entrando em colapso e se transformando velozmente. Esta mudança decorre da própria transformação pela qual passaram as sociedades modernas no final do século XX e nos primórdios do XXI (Hall, 2001, p.9). Para A. Giddens a velocidade com que a globalização está colocando pessoas com bagagens culturais tão diferentes em contato faz com que mudanças significativas ocorram. Segundo ele, “ondas de transformação social atingem toda a superfície da terra”(Giddens, 19990, p.6). Bauman ao descrever preliminarmente a questão, a coloca com certa ironia, como uma palavra da “moda”.

2.3 IDENTIDADE E ESTEREÓTIPO

Ter medo do desconhecido é uma condição natural do Ser Humano, mas como as pessoas lidam com esse medo faz diferença no modo como veem e tratam o outro. Estereótipo, como definido no 'Oxford English Dictionary' é uma “ideia preconcebida e simplista das características que tipificam uma pessoa, situação, etc., ou uma atitude baseada em tal preconceito”. Essa simplificação exagerada afeta a nossa capacidade de interpretação do outro e, tão importante

quanto, da nossa interpretação de nós mesmos.

O uso de estereótipos costuma levar ao preconceito e é, normalmente, consequência da falta de informação. É muito difícil entender e assimilar diferentes modos de vida e pensamento e, por isso, os estereótipos são criados para representar e qualificar o desconhecido e trazer o que é estranho para mais perto da nossa realidade. Geralmente, eles são usados de forma preconceituosa para descrever culturas diferentes quando há uma necessidade de auto afirmação da visão de mundo do indivíduo ou grupo que os utiliza.

Em seu livro, já citado, Canclini descreve os modos que a sociedade criou ao longo dos tempos para “ver” e tratar o diferente. Segundo ele, os gregos chamavam os estrangeiros de “bárbaros”, os argentinos chamavam os Italianos de “gringos” e os espanhóis se referem aos latino-americanos como “sudacas”. Todos eles mostram uma visão estereotipada e preconceituosa do outro.

Outra forma de entender a questão é seguindo o ponto de vista da “história única”. O vídeo *The danger of a single story*, mostra a visão pessoal da escritora nigeriana Chimanda Adichie, na Conferência Anual da TED – Ideas Worth Spreading, acerca do estereótipo. Esse conceito trazido por ela mostra o estereótipo em sua pior forma. Possuir apenas um ponto de vista para definir o outro, seja ele uma pessoa, povo ou cultura, apesar de às vezes estar correto, não é suficiente pois ele nunca será o único. Por isso, esse modo simplista de enxergar o mundo constitui uma visão limitada do mesmo que quase sempre leva ao racismo ou à xenofobia.

Ela fala de experiências pessoais em que foi alvo de preconceito, mas também não tira a sua responsabilidade em momentos em que foi preconceituosa, mesmo que sem intenção, por ter essa visão limitada do outro. Ela cita dois exemplos interessantes em sua palestra, que mostram que ninguém está livre de cair na armadilha da “história única”.

No primeiro, ainda criança, Adichie, que pertence a uma família de classe média nigeriana, tinha empregados domésticos em sua casa e, como a única coisa que ouvia sobre eles era como eles eram pobres e como eles não tinham nada, ela sentia pena. Até que, um dia, ao visitar a casa de seu empregado, a mãe dele lhe mostrou uma cesta que um dos irmãos havia feito e ela se sentiu surpresa pois não imaginava que uma família tão pobre conseguiria fazer alguma coisa por ela mesma. Só haviam lhe dito que eles eram pobres, então ela não conseguia imaginá-los de outra maneira que não essa.

No segundo, ela conta sobre a África e de como as pessoas nos EUA, incluindo o seu professor na universidade, generalizavam um continente inteiro. Eles possuíam apenas uma imagem de guerra, pobreza e destruição do seu “país”, a África, gerando um sentimento de pena e superioridade por parte deles.

O livro “MAUS” é um *graphic novel* vencedor do prêmio *Pulitzer* e um excelente exemplo que mostra que vítimas de preconceitos não estão isentas de também usar o estereótipo para agredir os outros. Nele, Artie Spiegelman conta a história verídica de seu pai, um judeu polonês que foi forçado a viver em campos de concentração e sobreviveu às consequências do nazismo. No livro, os personagens são representados por animais segundo os estereótipos de cada nacionalidade e/ou da relação entre as mesmas. Sendo assim, os nazistas são apresentados como gatos, os judeus como ratos, os poloneses como porcos e os americanos como cães.

Apesar de ter sofrido todos os tipos de preconceito por conta de sua etnia, Vladek surpreende seu filho e sua nora quando demonstra ter por uma etnia diferente da sua, o mesmo sentimento de superioridade que os nazistas sentiam com relação aos judeus. No livro, ele considera os negros uma raça inferior e generaliza os chamando todos de ladrões (págs. 258 a 260).

O livro de Canclini também fala das “Affirmative Actions” em inglês, traduzidas para o francês como “Discrimination positive”. A própria tradução do termo já denota uma crítica a esse tipo de política. Essas 'ações afirmativas' visam consertar de determinada forma as injustiças sociais e culturais presentes naquele lugar, possibilitando que cada etnia expresse suas individualidades. Porém, ações como essas acabaram criando comunidades separatistas, como podemos ver com muita clareza nos Estados Unidos e seus “bairros de negros, brancos, latinos, asiáticos, etc”. No Brasil isso também ocorre, porém o que nos diferencia dos EUA é o fenômeno da mestiçagem, que faz com que a 'discriminação positiva' aconteça de forma mais disfarçada.

Uma grande diferença entre a América Latina e os EUA, é que aqui não existem etnias com hífen, como os afro-americanos, ítalo-americanos, entre outros. Mas os motivos pelos quais essas etnias não existem variam de país para país. Alguns países, como Argentina e Brasil, são citados como exemplo por Canclini.

Na Argentina, segundo ele, a nação homogênea foi formada através da eliminação dos nativos e da prática do terror e autoritarismo aos imigrantes, forçando-se assim, uma integração. Já no Brasil, essa interação aconteceu de forma diferente. Apesar das desigualdades, existe um diálogo maior entre as etnias, que dá ao indivíduo a possibilidade de pertencer a mais de um grupo ao mesmo tempo.

Esse é um assunto sensível e que merece uma atenção especial. Para começar, percebemos que certas expressões em determinadas línguas não possuem tradução em outras ou, às vezes, uma palavra que é usada inocentemente em uma língua pode ser considerada ofensiva em outra. O capítulo do livro de Storey sobre Estruturalismo e Pós-estruturalismo contém conceitos chave acerca de linguagem e discurso, como 'significante e significado' e 'semelhança e diferença'.

Como Ferdinand de Saussure aponta, a linguagem é dividida em duas partes distintas:

significante, a palavra escrita, e significado, que representa o conceito por trás da palavra. No livro, ele cita o exemplo da palavra “cachorro” e o conceito carregado por esta palavra. Para ele, a relação entre significante e significado é resultado de uma convenção cultural.

Talvez, muitas das desavenças entre culturas distintas tenham surgido de mal-entendidos que começaram pela dificuldade de traduzir certas expressões. Tentar se expressar em uma língua que não é a sua pode ser difícil e complicado por uma simples razão: as convenções culturais que determinam a relação entre significante e significado são diferentes. Pode parecer tolice pensar que disputas e guerras são criadas a partir de mal-entendidos, mas quando o que está em pauta são séculos de discórdia, uma interpretação equivocada pode ter um efeito catastrófico.

Storey vai mais fundo na relação de significante e significado ao analisar o tema do racismo. A divisão dos seres humanos em 'raças', segundo o livro *Cultural Theory and Popular Culture – an Introduction*, é cultural. Segundo ele, não é a biologia, como ciência, que faz essa diferença, mas sim o racismo. Para a biologia, a diferença das características físicas das pessoas não tem importância, não possui um significado. O racismo, por sua vez, pegou a diferença da cor da pele e lhe atribuiu um significado. Fica claro, aqui, que não é a diferença em si que importa, mas o significado que lhe é conferido.

Uma questão que ronda este assunto é: por que a diferença da cor da pele possui um significado maior para a sociedade do que a diferença da cor dos olhos ou do cabelo? O conceito de 'raça' foi criado pela sociedade e utilizado ao longo da história como forma de imposição hierárquica, um modo de justificar, através da diferença da cor da pele, ações monstruosas praticadas por essa mesma sociedade como, por exemplo, as invasões e a escravidão. Por isso, Storey constata que “o racismo é mais sobre significação do que sobre biologia” (J. Storey, 2009: p.167).

Vários teóricos, como Storey, Hall e Paul Gilroy, veem os estudos culturais como uma ferramenta importante que os acadêmicos e intelectuais possuem para lutar contra a divisão do ser humano em raças e tentar de alguma forma modificar esse pensamento tão antigo, instaurado pelo racismo. Storey cita uma passagem de Stuart Hall:

O trabalho que os estudos culturais devem fazer é mobilizar tudo o que puderem encontrar em termos de recursos intelectuais a fim de entender o que continua fazendo as vidas que vivemos, as sociedades em que vivemos profundamente e intimamente anti-humana em sua capacidade de viver com a diferença. A mensagem dos estudos culturais é uma mensagem para acadêmicos e intelectuais mas, felizmente, para muitas outras pessoas também.(...) Estou convencido de que nenhum intelectual vale o seu sal e nenhuma universidade que quer manter a sua cabeça na cara do século 21, pode dar ao luxo de virar os olhos desapaixonados longe dos problemas de raça e etnia que afligem o nosso mundo. (Hall,1996e:343)

Seguindo esta linha de raciocínio, o convênio do Intercâmbio de alunos entre as universidades ao redor do mundo pode ser considerado uma forma de estudo cultural? Se a resposta for positiva, ele pode ser usado como um atalho para alcançarmos os objetivos buscados por Hall, Storey e tantos outros?

3 SUÉCIA X BRASIL

3.1 SUÉCIA RESUMIDA

A Suécia é um país nórdico, situado na Escandinávia. Segundo informações retiradas do site do consulado sueco em Brasília, o país, que possui como capital a cidade de Estocolmo, tem uma população de 9,4 milhões de pessoas (sendo a sua densidade demográfica de 20 habitantes por km²). Ela pertence à União Europeia desde 1995 e tem como língua oficial o sueco e religião dominante, a evangélica-luterana. O Parlamento Sueco (*Riksdag*) possui 349 deputados e, atualmente, Fredrik Reinfeldt é o Primeiro Ministro e Carl XVI Gustaf é o seu rei.

A Suécia é uma Monarquia Constitucional em que o rei não possui poderes ou atribuições políticas. Como no Brasil, as eleições governamentais acontecem a cada quatro anos e 7 milhões de pessoas estão aptas a votar. O sistema de governo sueco é baseado na descentralização do poder em níveis locais e regionais. Os municípios e os Conselhos Municipais (*County Councils*) possuem autonomia e responsabilidades claras e bem definidas, como planejamento da cidade e educação para os municípios, enquanto os Conselhos Municipais se encarregam da infraestrutura e do sistema público de saúde.

Enquanto no Brasil ainda lutamos para nos libertarmos de nossos preconceitos para poder dar tratamento igualitário a todos os segmentos da nossa sociedade, a Suécia está muito mais avançada nessas questões, que são altamente debatidas em todo o mundo. A igualdade é um direito de todos, independentemente de sexo e opção sexual. Alguns exemplos podem ser citados, como o alto índice de mulheres em cargos de importância nas empresas e no poder público e o direito do homem de tirar uma "licença paternidade" no trabalho quando nasce o seu filho. Essa licença é considerada importante pois permite que as mulheres deem continuidade às suas carreiras e que os homens tenham tempo para participar mais da vida dos filhos.

Outro aspecto importante visto na sociedade sueca é o respeito dedicado às pessoas com deficiências físicas ou que precisem de ajuda para se locomoverem, como os idosos. Os meios de

transporte públicos são adaptados para que todos possam utilizá-los e as escolas regulares estão preparadas para receberem todos e quaisquer alunos. O governo também auxilia na adaptação das casas para que os deficientes físicos possam viver com seus familiares.

No que se refere a tradições, os suecos possuem muitas. Festividades religiosas e relacionadas com as mudanças das estações são realizadas em todo o território nacional. A Suécia possui uma história muito extensa e, em países assim, é comum que crenças e hábitos sejam passados de geração para geração e solidificados ao longo de mais de 100 séculos. Porém, por apresentar uma taxa de imigração muito alta, 19,1% da população possui raízes estrangeiras, a Suécia se mostra um país muito aberto a outras tradições.

3.2 EM COMPARAÇÃO COM O BRASIL

Quando pensamos em comparar o Brasil com a Suécia, a primeira coisa que vem à cabeça é o clima. Os invernos rigorosos daquela parte do planeta fazem parte do imaginário de brasileiros que, como eu, nunca haviam visto a neve de perto. Mas não é só o inverno que enche os nossos olhos quando chegamos lá. Uma árvore mudando de cor no outono, de verde para amarela, passando pelo vermelho, é a coisa mais bonita que eu já vi. A língua também é um dos elementos de comparação mais utilizados. A língua sueca, em especial, é muito difícil de se aprender. Ela não se parece com nada que a gente já tenha ouvido antes. Mas as diferenças vão além da língua e do clima.

Entre nós e os suecos há uma distância de mais de 100 séculos de história documentada, o que influencia os comportamentos individuais e coletivos, enfim, a identidade de ambos. O Brasil é um país considerado jovem e com muitas influências no seu processo de formação, tornando difícil a criação ou a manutenção de tradições. Outra característica nossa que nos diferencia dos nossos amigos nórdicos, é a miscigenação. Ela dificulta a criação de uma cultura tradicionalmente brasileira, sem nenhuma influência externa ou com alguma influência específica, o que dá a impressão de que a nossa cultura ainda está em processo de formação.

O suecos também possuem influências externas, mas a sua cultura e suas tradições são bem consolidadas e esses elementos externos agregam valores e novas tradições sem interferir nas já existentes.

A distribuição dos serviços públicos na Suécia e o modo como os políticos vivem lá também são muito diferentes daqui. Os impostos são altos, mas os sistemas de transporte, saúde e educação são muito eficientes. Além disso, a Suécia é um dos países mais seguros do mundo. Segundo o

Índice Global de Paz (IGP) de 2011, a Suécia encontra-se no 13º lugar, enquanto o Brasil aparece no 74º.

O modo como a política e os políticos são tratados lá também se diferem da nossa Brasília e nos mostra que temos muito o que aprender no que diz respeito ao desperdício do dinheiro que deveria ser utilizado para melhorar a qualidade de vida da população. Como mostra a reportagem do Jornal da Band do dia 01 de Setembro de 2010, os políticos que fazem parte do *Riksdag* e não possuem residência em Estocolmo vivem sem nenhuma mordomia, em apartamentos funcionais que variam de 18 a 40 m² e possuem cozinha e lavanderia compartilhadas. Nem os parlamentares nem o Primeiro Ministro possuem empregados e motoristas em suas casas ou secretários e assessores particulares nos gabinetes. O modo como vivem se assemelha bastante ao sistema de alojamento estudantil do país.

Porém não somos só diferenças. Quando contei para meus familiares e amigos que iria para a Suécia, recebi de todos a mesma reação. Me perguntavam por que eu queria ir para tão longe, para um lugar estranho e esquisito. Muitas pessoas não sabiam nem aonde era. Apesar de termos todas essas diferenças descritas acima, temos mais em comum do que eu imaginava. A Suécia não é um país perfeito, apesar de estar quase lá. Ela também tem as suas mazelas sociais. A principal é o álcool.

Ao longo da história da Suécia, um problema começou a se desenvolver e a preocupar a todos. Apesar de ter uma imagem de um lugar perfeito, a Suécia também tem, como todos os outros países, problemas sociais. Lá, as drogas e o tráfico não são considerados um problema muito sério, como aqui no Brasil, a ponto de chamar a atenção do governo e da população. Apesar de, hoje em dia, vermos um grande esforço para mudar esta situação, o tráfico de drogas ainda rege a vida de grande parte da população brasileira que vive nas favelas. Os traficantes controlam a distribuição de serviços públicos que são de necessidade básica do ser humano como luz, esgoto, educação, entre outros, e, além de tudo, o fazem de forma precária.

O que mais aflige a sociedade sueca é o alcoolismo. Este problema era tão grave que se transformou em uma questão para o sistema de saúde pública do país. Os gastos dos hospitais com os problemas gerados pelo álcool, como doenças e acidentes, eram exorbitantes e o governo resolveu tomar uma atitude inusitada.

Agentes do governo viajaram pelo território nacional comprando todas as fábricas e lojas de bebidas alcoólicas do país. O monopólio começou em meados dos anos 1800 e foi criada a *Systembolaget*. A *Systembolaget* é uma loja estatal que possui todos os direitos para a venda de bebidas com teor alcoólico acima de 3%. O sistema de vendas é muito rígido, para evitar o consumo por parte de menores de 20 anos e que as bebidas sejam vendidas ilegalmente. Além disso, como

único vendedor, o governo coloca os preços dos produtos muito altos para inibir o consumo de modo geral. Eles seguem a lógica de que vale mais à pena perder o dinheiro do consumo de bebidas do que arcar com os altos gastos nos hospitais e clínicas de reabilitação.

Porém não é só nos problemas que a Suécia se assemelha ao Brasil. Os suecos não correspondem ao estereótipo europeu de frieza. Eles são extremamente educados e prestativos e é comum, na Suécia, ver amigos se abraçando nas ruas e pessoas ajudando desconhecidos. Apesar de um pouco tímidos, eles são um povo extremamente caloroso e afetuoso, como o nosso.

4 O CONVÊNIO E SUAS PRÁTICAS

Ao longo deste trabalho, surgiram algumas questões acerca do que seria exatamente um convênio de intercâmbio e qual a sua função. A palavra 'Intercâmbio', segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, possui dois significados. O primeiro é “*troca, permuta*”. Tendo em mente esta definição, já podemos formular em nossas cabeças um conceito básico para explicar o porquê convênios deste tipo são criados. Mas que tipo de troca é essa? O que está realmente em jogo nessa permuta? A segunda definição de intercâmbio, “*estabelecimento de relações recíprocas de ordem cultural, comercial, social, etc. entre nações ou instituições*”, responde melhor essas questões e pode ser utilizada como um ponto de partida para a nossa análise.

Aqui, por se tratar de um trabalho de conclusão do curso de Produção Cultural, o nosso foco estará voltado para um modelo específico de intercâmbio que ocorre entre instituições de ensino, mais especificamente as Universidades. O Intercâmbio Cultural, como é chamado, é uma forma em que organizações e instituições encontraram para fazer com que outros países conheçam melhor suas atividades, além de ser um modo de capacitação muito valorizado no mercado de trabalho. Esse tipo de convênio é comum entre clubes como o Rotary, presente em diversos países, e também em Universidades. Geralmente, o que acontece é uma troca de famílias, no caso do Rotary, e uma troca de alunos, no caso das Universidades.

Acho mais interessante entendermos o nosso objeto de estudo, não como um produto cultural, um objeto fechado, resultado de uma ação, mas como a própria ação cultural em si. O convênio de intercâmbio é capaz de solidificar a identidade da pessoa que viaja, uma vez que ela inevitavelmente se encontra em situações em que tem que explicar e raciocinar sobre si mesma e sua cultura e, ao entrar em contato com outras, estranhas a ela, colocar em xeque sua própria bagagem cultural. Além disso, por ser uma experiência muito vasta, pode gerar uma infinidade de ramificações, parcerias e produtos.

Dessa forma, o intercâmbio é utilizado sim, mesmo que inconscientemente, como um modo

de estudo cultural como definiram Storey e Hall. É um modo de fazer com que as pessoas conheçam o diferente com mais vontade de entender e respeitar o "outro" e suas particularidades. É como se o ambiente que se forma à partir dessas pessoas se tornasse neutro, à parte das divergências políticas, religiosas e étnicas. Estão todos na mesma situação e, mesmo vindos de tão longe e sendo tão diferentes, esse mesmo "outro" deixa de ser um ponto no mapa e se torna uma pessoa. Por isso, há um clima de solidariedade que propicia uma aproximação amigável.

Ao nos confrontarmos com o diferente, imediatamente buscamos em nossa cabeça o que seria equivalente em nossa língua ou cultura. Essa é uma parte muito importante do intercâmbio, pois nós, brasileiros, temos o hábito de criticar tudo o que está relacionado ao nosso país sem pensar duas vezes e, quando saímos do Brasil, temos a certeza de que tudo no exterior será melhor, seja aonde for.

Quando vivemos em um lugar completamente estranho, após passar aquela primeira sensação de encantamento, quando começamos a criar uma rotina, percebemos que nem tudo é perfeito e que algumas coisas podem ser melhores e outras piores do que em nosso país. O olhar crítico fica mais apurado e passamos a ver as coisas como elas realmente são, o que é um primeiro passo para melhorar o que não consideramos certo.

4.1 MAPEAMENTO DO CONVÊNIO DE INTERCÂMBIO INTERNACIONAL DA UFF

A Diretoria de Relações Internacionais (DRI) é um departamento da Universidade Federal Fluminense que tem como missão a internacionalização da universidade. A DRI, ao dar suporte administrativo, torna possível a execução de atividades como as de cooperação internacional e intercâmbio.

O programa de Mobilidade Para o Exterior funciona da seguinte forma. O aluno interessado deve se enquadrar nos Critérios de Elegibilidade e reunir uma série de documentos acadêmicos, como uma carta de recomendação de um professor e os formulários necessários, entre outros. Dentre os requisitos que devem ser preenchidos estão:

- Ser aluno regularmente matriculado na UFF e ter cumprido, no mínimo, 50% da carga horária total do curso. O aluno deve estar no máximo a dois períodos do final do curso, no momento da inscrição;
- Possuir Coeficiente de Rendimento (CR) igual ou superior a 7 (sete);
- Comprovar proficiência no idioma do país de destino, ou em outro idioma aceito pela Instituição anfitriã. Como comprovante de proficiência entende-se resultados de exames de

proficiência oficiais, certificado de conclusão de curso de idioma de nível avançado (dependendo da instituição de ensino desejada, também poderá ser utilizado o de nível intermediário);

- Existir disponibilidade de vagas na instituição anfitriã.

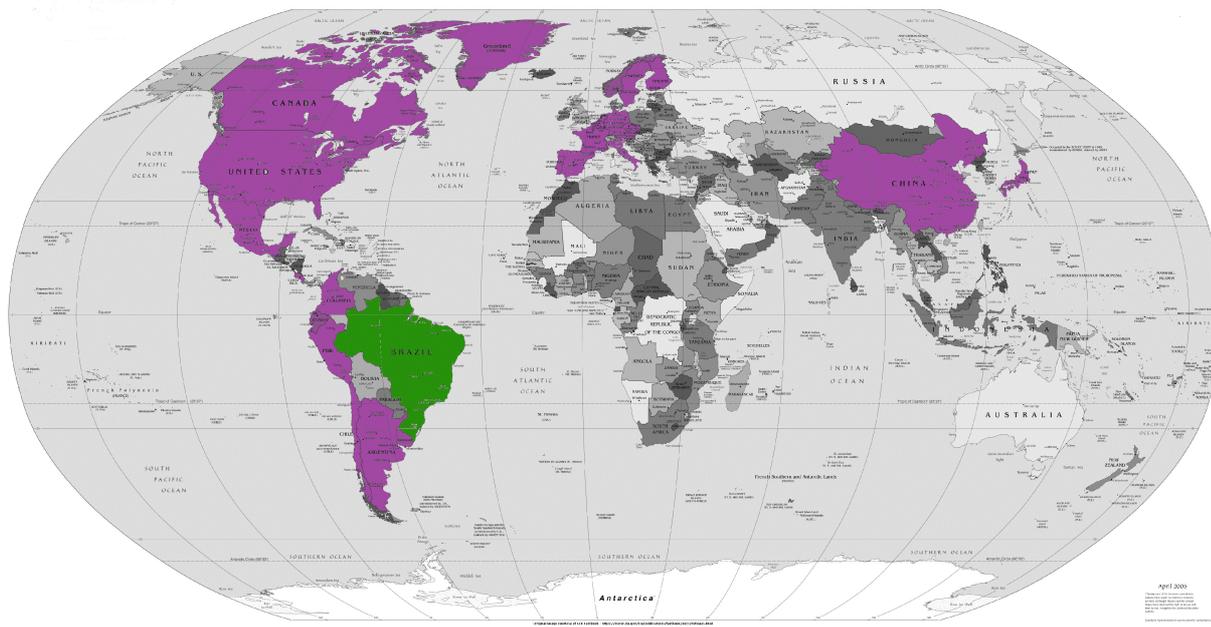
O primeiro convênio de intercâmbio da Universidade Federal Fluminense data de 1986 e foi realizado com a Universidade de Estudos Estrangeiros de Kyoto (KUFS), Japão. A KUFS é especializada em oito idiomas. São eles: inglês, francês, alemão, português, chinês, espanhol, italiano e japonês. O convênio criado entre os dois países há 25 anos é renovado até hoje. Atualmente, a UFF possui convênio com dez países na América, doze na Europa e dois na Ásia. Por causa da UFF, o Brasil possui relações com 24 países, através de 93 Universidades ao redor do mundo.

Figura 1: Detalhamento do Convênio

Países Conveniados – Nº de Universidades				
América do Norte	América Central	América do Sul	Europa	Ásia
Canadá - 3	Costa Rica - 1	Argentina - 5	Alemanha - 5	China - 1
EUA - 2		Chile - 2	Áustria - 2	Japão - 1
México - 3		Colômbia - 6	Bélgica - 1	
		Equador - 1	Espanha - 8	
		Peru - 2	França - 16	
		Uruguai - 3	Finlândia - 1	
			Holanda - 1	
			Itália - 12	
			Noruega - 2	
			Portugal - 13	
			Rep. Tcheca-1	
			Suécia - 1	

Hoje, cerca de 150 alunos, principalmente dos cursos de Arquitetura, Comunicação Social e Urbanismo, viajam para o exterior pela UFF por ano e os países mais procurados são Portugal, Espanha e França. Esse número vem crescendo a cada ano.

Figura 2: Disposição das relações internacionais que a universidade possui através do convênio



A universidade também recebe alunos estrangeiros e, por ano, chegam ao Brasil através da UFF cerca de 40 alunos, em sua maioria oriundos de Portugal e da Alemanha. Os cursos mais procurados aqui pelos intercambistas são os de Medicina, Relações Internacionais e Turismo.

Além dos cursos, os alunos estrangeiros têm a possibilidade de participar do Programa de Apadrinhamento do Intercambista (PAI), vinculado ao Programa de Mobilidade Internacional. Com ele, alunos voluntários se responsabilizam por ajudar os intercambistas a se integrarem com maior facilidade com a cultura local e com alunos da UFF. É também uma grande oportunidade para os alunos brasileiros de terem uma experiência de intercâmbio sem sair do país.

4.2 CONSIDERAÇÕES PESSOAIS SOBRE O CONVÊNIO

Podemos dividir essa experiência em dois campos e pensar nos nossos ganhos sob as óticas pessoais e acadêmicas e, apesar das lembranças ainda estarem muito presentes em minha vida, analisá-las de uma forma relativamente distanciada.

Olhando para trás, para o dia em que cheguei a Estocolmo, lembro que eu era uma menina muito insegura, realmente sozinha pela primeira vez. Apesar de ter saído de casa há alguns anos pra começar a faculdade, como aconteceu com muitos outros colegas universitários, meus pais e familiares sempre estiveram muito presentes em minha vida e, apesar de muito animada com todas as novidades, estar sozinha me deixou um pouco assustada no início.

De todos eles, superação foi o sentimento que mais esteve comigo nesse período. Desde o primeiro dia. Aproximar-me das pessoas sempre foi uma dificuldade minha, o que me trazia tanto problemas pessoais como acadêmicos e profissionais. Mas nas minhas primeiras horas na capital sueca, na fila para pegar a chave do alojamento, consegui me aproximar de uma menina austríaca que, mais tarde, se tornou uma das melhores amigas que eu já tive.

A sensação que temos é que a cada pequena conquista como comprar ingredientes corretos no supermercado em uma língua totalmente estranha, nos preparamos para a próxima, sempre um pouco maior do que a anterior. Aprendemos a nos aproximar das pessoas e a deixar que elas façam parte da nossa vida, independente se elas vão ficar ou não. Aprendemos a não deixar de viver por medo de sofrer. É verdade quando dizem que é “melhor amar e perder do que nunca ter amado”. Não falo só do amor romântico, mas também do amor que sentimos por amigos, lugares, situações e outras infinitudes de coisas.

Em termos de organização social e costumes em geral, a Suécia é muito diferente do Brasil. As pessoas são muito auto suficientes e não precisam umas das outras para praticamente nada. É possível, se quisermos, passar uma semana inteira sem ter um contato direto com outras pessoas, o que seria impossível no Brasil. Lá, os prédios residenciais não tem porteiros, lojas como a Ikea não tem caixas, o comprador passa a própria compra na máquina e efetua o pagamento sozinho, e existe um sistema de auto atendimento para a retirada e entrega de livros nas bibliotecas. É muito interessante ver as coisas funcionarem sem precisar ter alguém “vigiando” o tempo todo. Mas, depois de um tempo, principalmente no inverno quando só temos no máximo cinco horas de dia, a ausência de contato humano se torna um pouco deprimente.

Outro choque que eu tive foi quando constatei que a sociedade sueca é altamente feminista. Nós mulheres estamos acostumadas aqui no Brasil, apesar de ser uma sociedade machista (talvez até por isso), a sermos tratadas como seres mais frágeis. Os homens aqui são mais cavalheiros e ajudam com sacolas pesadas, seguram a porta, etc. Porém, o que nós vemos como gentileza, as suecas veem como ofensa. Eu ouvi muitas histórias engraçadas de brasileiros que “ofenderam” as suecas ao oferecerem ajuda com malas pesadas ou cederem o lugar no metrô.

Eu tinha uma dificuldade imensa de fazer as coisas sozinha e lá estava eu, num dos países mais independentes do mundo, com hábitos tão diferentes dos meus, falando um inglês mais ou menos, com um semestre inteiro planejado com aulas e viagens. Acho que não preciso nem dizer que nada aconteceu do modo como eu havia planejado, nem com as aulas, nem com as viagens. Logo de cara tive problemas com as disciplinas que queria cursar e tive que resolvê-los de forma muito rápida e sem poder voltar atrás com as minhas escolhas.

Entrar em uma sala de aula sendo a única brasileira foi um pouco estranho, mas quando

percebi que as pessoas não sabiam muito sobre o meu país e que estávamos todos na mesma situação, meu comportamento dentro de sala de aula mudou. A vida inteira eu fui o tipo de aluna que passava a aula quieta, sem questionar ou contribuir. Eu estava simplesmente passando pela faculdade. Lá eu tive a oportunidade de mudar essa situação e assim o fiz. Agora, de volta, eu vejo que perdi um pouco desse dinamismo que adquiri na Suécia, mas com absoluta certeza, não conseguiria voltar a ser a estudante apática de antes.

A aula mais importante, e a que eu mais gostava também, que eu fazia na faculdade era dada de uma maneira um pouco diferente do que a gente vê aqui. Eu gostei muito. Senti que aprendi bastante. No primeiro dia, o professor distribuiu o plano de aulas para a turma e pediu que nos sentássemos em duplas. As apresentações se seguiram da seguinte forma: nós tínhamos 10 minutos pra conversar e saber do colega nome, país, o que estudava alguma coisa da qual ele era fã e o significado de cultura para ele. Depois, ao invés de nos apresentarmos, nós apresentávamos o nosso colega. Eu ainda estava muito tímida e começar as aulas assim fez com que esse sentimento se quebrasse.

No plano de aulas, tinha a data de todas elas com informações do que seria visto. Nós compramos um único livro e o usamos por completo. Para cada aula, nós tínhamos que ler determinado capítulo, assistir determinados filmes ou vídeos, ler outros livros e artigos, relacionar tudo isso e levar uma redação contendo de 400 a 600 palavras. Quando entrávamos em sala de aula, a discussão acerca do tema era muito dinâmica, pois já havíamos raciocinado em cima do assunto e todos nós tínhamos opiniões e, principalmente, dúvidas. Esse sistema fez com que a minha escrita em inglês melhorasse muito e a minha participação em sala de aula também.

Os meus professores eram muito rígidos com relação às faltas. Na minha universidade, só era permitido aos alunos possuírem no máximo três faltas independentemente da carga horária, e na quarta seríamos reprovados. Além disso, na disciplina Cultural Studies in English, a cada falta, a redação obrigatória que deveria ter de 400 a 600 palavras, passava a ser de 1000. Definitivamente não valia a pena faltar aula por preguiça ou qualquer outro motivo que não fosse de força maior.

O trabalho final da disciplina era optativo. Ele dependia do número de créditos que o aluno desejava obter. Mesmo não precisando dos créditos, eu optei por fazer o trabalho. Ele consistia em escrever um artigo contendo de 3000 a 4000 palavras sobre um tema dado em sala de aula, relacionando-o com algum texto ou prática cultural. No meu trabalho, eu decidi analisar os estereótipos sob a ótica do hiperrealismo, conceito presente no livro de Storey, e contei com a ajuda dos meus amigos intercambistas para comprovar a minha teoria de que quando estamos longe do nosso país, criamos um estereótipo da nossa própria cultura, porém de uma forma idealizada, que nos ajude a lidar com a distância.

Mesmo conhecendo pessoas novas a cada segundo, eu também passei por momentos de solidão profunda que me fizeram colocar em xeque tudo o que eu acreditava e que havia vivido até então. Eu repensei todos os aspectos da minha vida: família, amigos, faculdade, trabalho, como minhas atitudes afetavam e eram afetadas pelos outros, as minhas prioridades e os meus preconceitos. Hoje eu consigo ver que esses momentos foram muito importantes para o meu processo de amadurecimento.

Eu demorei mais ou menos uns dois meses até conhecer o primeiro brasileiro em Estocolmo e por mais que as pessoas sempre falassem pra eu não andar muito com brasileiros e eu já ter um grupo de amigos muito próximo a mim, falar a minha língua me fez muita falta. Uma coisa aparentemente simples pode fazer toda a diferença. Falar 24 horas por dia, diariamente, uma língua que não é a sua e na qual você não é fluente é muito difícil. Ter que raciocinar toda vez que eu queria contar uma história, desabafar ou simplesmente jogar conversa fora era exaustivo. Um amigo intercambista me disse uma vez que “o sentimento natural que você tem com o seu próprio povo é bem diferente do que você experimentará no exterior, a diversão que você compartilha na sua língua local e o fato de compartilhar a mesma cultura”. Ele estava certo, pois quando estamos longe de todos e de tudo o que é familiar, sentimos falta de coisas que nunca poderíamos imaginar como ter uma simples conversa sem ter que se preocupar se vai ser entendido ou mal interpretado.

Provavelmente todos os jovens que fazem intercâmbio se sentem como eu me senti e eu acho que posso falar por todos nós quando digo que essa experiência é tão intensa que deixa marcas definitivas na nossa personalidade e muda nossas vidas.

Esse tipo de intercâmbio é muito importante para os alunos do curso de Produção Cultural, pois, por nos encontrarmos diante de tantas culturas diferentes, temos a chance de colocar em prática conceitos aprendidos na faculdade. No início do curso, lá pelos primeiros períodos, por exemplo, aprendemos que para analisar uma prática cultural de forma profissional e imparcial, devemos “transformar o que é estranho em familiar e o que é familiar em estranho”. Quando estamos em um ambiente como este em que eu estive, temos a oportunidade de praticar esse conceito todos os dias. Além disso, essa experiência nos torna mais corajosos, aproxima as fronteiras e faz com que o mundo fique cada vez menor. Isso pode até parecer um clichê, mas eu acredito que os clichês se tornam clichês porque partem de uma verdade absoluta.

No meu caso, os contatos com culturas diferentes se davam, na maioria das vezes, através de jantares. Eu morava em um bairro em que havia apenas os prédios para o alojamento dos estudantes, em sua maioria estrangeiros. Ele se chamava *Lappkärrsberget*, mas como ninguém conseguia pronunciar-lo corretamente, acredito eu que era esse o motivo, ele era conhecido como *Lappis*. Cada andar dos prédios era formado por dois ou três corredores, cada um com um número

de quartos individuais e cozinhas compartilhadas. Eu e meus amigos tínhamos um *dinner group* que, inicialmente, era composto pelas seguintes nacionalidades: Brasileira (eu), Americana/Havaiana (Cara), Austríaca (Maggy e Patrick) e Tcheca (Lucie). Cada dia era a vez de uma pessoa cozinhar e à medida em que o tempo ia passando e o nosso círculo de amigos aumentava, aumentavam também as dimensões dos jantares.

Eu participei de jantares brasileiros, austríacos, tchecos, paquistaneses, franceses, indianos, africanos (de países como Uganda e África do Sul), russos, japoneses... E percebi como os gostos e os costumes podem ser tão diferentes. Mas também aprendi outra coisa muito importante com essa convivência: a semelhança entre as pessoas, não importa de onde elas venham, é incrível. Aprendi que todo mundo gosta de pipoca, que mãe é mãe, não importa se ela veio do Brasil ou do Paquistão, que existem pessoas sensatas e malucas em qualquer religião. Mas o aprendizado mais importante que eu tive foi que quando tentamos entender culturas tão diferentes da nossa, sem julgá-las, o outro deixa de ser um estereótipo e passa a ser uma pessoa com quem podemos nos relacionar e discutir, nos permitindo ter afinidades e discordâncias.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, foram discutidos temas fundamentais, como cultura, identidade e preconceito, para a análise do intercâmbio internacional sob a ótica da Produção Cultural. Foi visto também que, se pensado como uma forma de ação cultural, ele pode ter inúmeras funções e chegar a diversos resultados. Mesmo sendo, em sua maioria, indiretos e/ou inconscientes, se aproveitados, esses resultados podem promover grandes mudanças.

Primeiramente, do ponto de vista pessoal, a experiência de morar por um certo tempo no exterior abre a cabeça das pessoas, principalmente os jovens. Ver e vivenciar coisas novas aumenta a capacidade criativa e faz com que elas amadureçam. Conseguir viver longe da família e vencer obstáculos e medos por si mesmo traz uma sensação de confiança para a vida, tanto pessoal como profissional.

Quando se depara com o diferente, o intercambista é obrigado, de uma certa forma, a pensar sobre si mesmo. Essa atitude faz com que ele passe por um período chamado de, como vimos em Castells, auto conhecimento. Como uma nova referência é estabelecida, ao fazer comparações, ele consegue perceber, de uma forma distanciada e com mais clareza, as qualidades e os defeitos da sua própria cultura e de seu país, provocando, assim, uma reflexão sobre a sua própria identidade.

Além disso, o intercâmbio pode ser visto como uma forma de ação diplomática ao proporcionar uma troca de conhecimento entre países e fazer com que eles conheçam melhor a nossa cultura e os nossos hábitos. Isso se deve ao fato de o convênio criar um ambiente em que conhecer o outro e entendê-lo, juntamente com sua cultura, se torna fundamental para que uma pessoa possa se relacionar social e academicamente.

Como, na maioria das vezes, o preconceito e a xenofobia são resultados da falta de informação, essa convivência direta com pessoas vindas dos mais variados lugares do mundo acaba se transformando em um processo de aprendizado que diminui o preconceito. Essa

experiência é muito importante uma vez que, conhecendo minimamente algo, não nos conformamos em acreditar em qualquer coisa que seja dita sobre ele. Com isso, passamos a nos informar melhor sobre o que ocorre no mundo.

Uma característica que diferencia a experiência nesse ambiente criado no exterior da de um ambiente criado em uma universidade no país de origem, é que a primeira faz com que as pessoas tenham vontade de aprender sobre o outro e de explicar a sua própria cultura.

Como podemos ver, os programas de intercâmbio são muito mais do que viagens e passeios e trazem benefícios que vão muito além dos ganhos pessoais para o intercambista. São também uma oportunidade que as universidades possuem para intervir de maneira positiva nas comunidades tanto internacionais, quando o aluno viaja, como nas quais estão inseridas, pois, quando voltamos, o nosso modo de interagir, como ser social, com o meio em que vivemos muda e passamos a enxergar a vida e a sociedade com um olhar mais crítico e com uma propensão maior à ação.

BIBLIOGRAFIA

GIDDENS, Anthony, Modernidade e identidade, Rio, Jorge Zahar Editor, 2002.

CASTELLS, Manuel, O poder da identidade, vol. 2, Editora Paz e Terra Limitada, SP, 1999.

STOREY, John, Cultural Theory and Popular Culture: An introduction, Pearson Education Limited, Inglaterra, 5ª edição, 2009.

WARNIER, Jean-Pierre, A Mundialização da Cultura, EDUSC, tradução, SP, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza, Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade, Cortez Editora, 2010.

CANCLINI, Néstor Garcia, A globalização imaginada, Editora Iluminuras, SP, 2007.

ORTIZ, Renato, Mundialização e Cultura, Editora Brasiliense, SP, 2000.

SPIEGELMAN, Art, MAUS: a história de um sobrevivente, Editora Schwarcz Ltda, SP, 2010.

Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa, Editora Bloch, vol.2, SP, 1976.

COELHO, Teixeira, Dicionário Crítico de Políticas Culturais, Editora Iluminuras, SP, 1997.

HALL, Stuart, A identidade cultural na pós-modernidade, Editora DP&A, 10ª Edição, 2005.

REFERÊNCIAS:

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

<http://www.priberam.pt/dlpo/>

Diretoria de Relações Internacionais (UFF)

<http://www.aai.uff.br/>

Embaixada da Suécia

http://www.swedenabroad.com/Start_11603.aspx

Vision of Humanity – Global Peace Index

<http://www.visionofhumanity.org/gpi-data/#/2011/conf/>

Jornal da Band – Como vivem os parlamentares na Suécia.

<http://www.band.com.br/jornaldaband/conteudo.asp?ID=100000341479>

Ministério da Cultura

<http://www.cultura.gov.br/site/>

TED – Ideas Worth Spreading

http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html